

O centenário de Viriato Correia

RUI RIBEIRO
Especial para O ESTADO

Editado no Maranhão, em 1902, o volume de contos "Minarettes", que marcou o aparecimento de Viriato Correia como escritor, não agradou a João Ribeiro, que descarregou contra ele toda a potência de sua crítica. Relevando apenas a pouca idade do estreante — "um homem moço, quase adolescente" —, a análise divulgada na coluna bibliográfica do *Correio da Manhã*, em 12/04/1903, arrasou o autor e o livro, desaconselhando-lhe a leitura.

O ataque frontal não arrefeceria o ânimo do jovem, nem a almejada glória da vocação que nele se manifestara, de maneira irremediável, desde muito cedo. Ainda criança, deixara a vida pacata da pequenina localidade maranhense de Pirapemas, às margens do rio Itapecuru, onde nasceu em 23 de janeiro de 1884, transferindo-se para a capital do Estado. Concluídos os estudos preparatórios, mudou-se para Recife, cuja Faculdade de Direito frequentou por três anos. Seus planos incluíam, porém, a radicação no Rio de Janeiro, centro de difusão cultural para o qual convergiam os moços sonhadores de todos os quadrantes do País. E, sob o pretexto de terminar o curso jurídico na metrópole, viria juntar-se à geração boêmia que marcou a intelectualidade brasileira no começo do século.

A cidade passava por profunda modernização urbanística, pela ação do prefeito Pereira Passos, do engenheiro Paulo Frontin e do médico sanitarista Oswaldo Cruz. Em substituição às malcheirosas vielas, remanescentes dos tempos dos vice-reis, surgiam grandes avenidas, afastados os focos de epidemia. Criava-se assim um clima mais adequado à vida social e a própria elite deixaria o recesso forçado do lar pelos passeios de rua, encontros em confeitarias e sessões de teatro. Os jornais expandiam-se e passavam a proporcionar remuneração mais condigna a seus colaboradores, transformando-se em tábuas de salvação para escritores que lutavam com sérias dificuldades financeiras, pela impossibilidade de subsistência apenas com o rendimento da atividade literária em livro.

Por interferência do polígrafo Medeiros e Albuquerque, de quem se tornara amigo, Viriato Correia obteve colocação na *Gazeta de Notícias*, iniciando carreira jornalística que se estenderia por longos anos e no exercício da qual seria colunista do *Correio da Manhã*, do *Jornal do Brasil* e da *Folha de Dia*, além de fundador do *Fafazinho* e de *A Rua*. No ambiente febricitante das verdadeiras oficinas culturais das redações e em convívio com intelectuais expressivos como Alcindo Guanabara e João do Rio, encontraria incentivo para a expansão dos pendores literários já revelados. Aliás, muitas obras de ficção consagradas em livro foram divulgadas pela primeira vez em páginas de periódicos, fenômeno muito comum numa época em que os escritores preenchiam simultaneamente as funções de jornalistas. Assim ocorreu com os "Contos do Sertão", que, estampados primitivamente na *Gazeta de Notícias*, foram

reunidos em volume e publicados no ano de 1912, redimindo Viriato Correia do insucesso de "Minarettes". Observa-se forte influência de Coelho Netto nas estórias curtas que o compõem, não quanto à forma, mas em relação à linha fantasiosa do enredo. Estão presentes nas narrativas retalhos agrestes guardados da infância, confirmando a tendência de muitos autores que, trocando a vida do interior pela metrópole, constroem suas fabulações literárias a partir de matéria-prima real, colhida na região de origem.

Completam a ficção de Viriato Correia "Novelas Doidas" (1921) e "Histórias Asperas" (1928), que confirmam o contista seguro, pelo justo equilíbrio entre o ritmo empolgante dos diálogos e a pausa tranquilizadora das descrições. Dir-se-ia uma técnica ao estilo maupassantiano, com os motivos inspirados, a exemplo do mestre francês, no



O centenário de nascimento do escritor maranhense Viriato Correia é comemorado amanhã. Nasceu às margens do rio Itapecuru, ele se apaixonou pela literatura e escreveu vasta obra.

cotidiano burguês ou campestre. São porém exclusivamente brasileiros os cenários e personagens, urdidos em tramas de desenlace corriqueiro ou de alta dramaticidade.

Seria, entretanto, no campo da narrativa histórica que obteria notoriedade maior, ombreando-se com Paulo Setúbal, que também se dedicou ao gênero. Enquanto o escritor paulista deu preferência ao romance, Viriato Correia optou pelas estórias e crônicas, com o intuito visível de atingir o leitor comum, para o qual a história só pode ser digerida quando apresentada na forma de pratos leves e apetitosos. A receita básica consistiu na combinação de fatos reais, curiosos ou picarescos com os condimentos excitantes produzidos pela imaginação fértil do ficcionista. Integram o cardápio variado mais de uma dezena de títulos, onde se destacam "Histórias da nossa História" (1921),

"Brasil dos meus Avós" (1927) e "Alcovas da História" (1934).

Com o objetivo de levar a história também ao público infantil, recorreu à figura de afável ancião que reunia a garotada em sua chácara para estimular, entre guloseimas e debates, a fixação de ensinamentos não bem deglutidos nos bancos escolares. As sugestivas "lições do vovô", estão ministradas nos livros "História do Brasil para Crianças" (1934), "A Bandeira das Esmeraldas" (1945), "As Belas Histórias da História do Brasil" (1948) e outros mais, que alcançaram numerosas edições ilustradas e são até hoje procurados pelos estudantes. Deixou ainda muitas obras de ficção infantil, entre elas o romance "Cazuza" (1938), em que descreve cenas de sua meninice.

O meio teatral, que frequentou como crítico de jornal e mais tarde como professor de história do teatro, propiciou a Viriato Correia amplo domínio das técnicas dramáticas, transformando-o num dos mais festejados e fecundos autores do gênero em sua época. Escreveu perto de 30 peças, entre dramas e comédias, cujo valor está muito mais no hábil manejo do mecanismo cênico que na originalidade do texto. Por esse motivo, suas produções, quando lidas, perdem o colorido que, na representação, era realçado pelas frases de efeito e jogos de cena, inteligentemente planejados em conformidade com as características de cada intérprete. Integrado por formação no sentimento nacionalista que caracterizou a criação intelectual brasileira no período abrangido pela Primeira Guerra Mundial, o escritor maranhense desenvolveu toda a sua atividade dramática em torno de temas inspirados na nostalgia da primitiva simplicidade rural ou urbana, com a satirização do estrangeiro e o enaltecimento dos valores morais da família. Os próprios títulos das peças refletem a linha adotada: "Sertaneja" (1915), "Manjerona" (1916), "Nossa Gente" (1924) e "A Sombra dos Laranjais" (1944), esta última recentemente adaptada para a televisão. Levou também a história ao teatro, encenando em 1938 "A Marquesa de Santos" — com Dulceina de Moraes e Odilon Azevedo nos papéis principais — e "O Grande Amor de Gonçalves Dias" (1959).

Membro da Academia Brasileira de Letras desde 1938, faleceu a 10 de abril de 1967, deixando legado literário extenso, onde se inclui "O Mistério" — romance de colaboração publicado como folhetim em *A Folha*, no ano de 1920, e logo após editado por Montello Lobato & Cia. Escrita em conjunto com Coelho Netto, Medeiros e Albuquerque e Afrânio Peixoto, a obra não obedeceu a plano prefixado. O desenvolvimento do enredo ficou ao sabor da imaginação de cada co-autor, que só decidia o rumo a tomar após a leitura do capítulo escrito na véspera pelo colaborador precedente. A montagem desse curioso quebra-cabeças grafado, a partir de peças improvisadas, só poderia ser obtida pelo emprego de perícia criativa invulgar. E a participação de Viriato Correia entre os escritores que aceitaram o desafio confirmou seus dotes de ficcionista de primeira linha.